

Transferências para o exterior são incógnita

2-5-1991

Ao fazer hoje o depósito inicial de US\$ 2,8 bilhões para pagamento da dívida externa, o Governo dará a largada numa maratona de desembolsos, que vão permitir a rolagem do principal do débito por um prazo de 30 anos. Mas, afinal de contas, quanto o Brasil vai enviar ao exterior nos próximos anos, a título de pagamento de juros? Difícil saber ao certo. Quase 55% dos títulos da dívida que estão sendo trocados são de taxas fixas, com um teto de juros de 8% ao ano. Mas no caso dos papéis com taxas flutuantes, os pagamentos ficarão sujeitos à oscilação dos juros no exterior.

Michal Gartenkraut, secretário de Assuntos Econômicos no Governo Sarney, calcula que o Governo poderá economizar cerca de US\$ 2 bilhões por ano com o acordo da dívida. Segundo ele, a economia será decorrente da redução do estoque da dívida e dos juros.

— São cálculos preliminares, pois dependem da opção dos bancos credores pela taxas fixas ou flutuantes de juros. Além disso, dependerá também do comportamento dos juros no exterior — disse Gartenkraut.



Langoni: problema da dívida acabou

Para Carlos Langoni, ex-presidente do Banco Central e hoje diretor do Centro de Economia Mundial da FGV, o acordo da dívida poderá aumentar o envio de recursos ao exterior no longo prazo, mas vai regularizar os pagamentos.

— O acordo é bem mais vantajoso que os anteriores, porque assegura uma redução efetiva do estoque da dívida, além de garantir prazos mais razoáveis de pagamento — afirma.

Langoni concorda com o vice-presidente executivo do Bank of America, Joel Korn, para quem o problema da dívida externa no Brasil está resolvido. Segundo ele, como o país tem um bom nível de reservas e vem registrando exportações crescentes, a dívida não será mais um empecilho ao crescimento econômico.

— Com a redução do chamado Risco Brasil, o país poderá captar recursos no exterior a um custo muito mais baixo. Além disso, vão crescer os investimentos de risco no setor privado, principalmente de países como o Japão — prevê Langoni.

Nem todos pensam assim. O economista Gerald Medley, do Banco Pactual, diz que o mercado externo está muito ruim para captação de recursos. O motivo, diz ele, é a indefinição das taxas juros nos Estados Unidos e as incertezas quanto à estabilização da economia brasileira.

— Os bancos não querem ficar com estes títulos em carteira. Mesmo países que já fecharam acordos da dívida, como México e Argentina, vêm enfrentando dificuldades para captar. O momento é inadequado — afirma.